**Uma imagem com texto, livro, póster, vestuário

Os conteúdos gerados por IA poderão estar incorretos.RITOS INICIAIS**

**Procissão de Entrada | Cântico de Entrada | Saudação Inicial**

P. A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, que por nós morreu e ressuscitou, esteja convosco.

Ou

P. O Deus da Vida que ressuscitou Jesus Cristo, destruindo as cadeias da morte, estejam convosco!

R. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo!

**Monição inicial**:

P. A nossa Páscoa continua. Neste terceiro domingo, Jesus Ressuscitado manifesta-se, pela terceira vez, ao romper da manhã, tal como o fizera na manhã de Páscoa. Podemos entrever, no meio dos discípulos, antes e depois da Ressurreição, a presença discreta de Maria. No mar da Galileia, Jesus é âncora firme, que nos encoraja a lançar as redes. E Maria é a Estrela do Mar, que nos guia, no meio das tempestades da vida. Neste Domingo, em que se inicia a Semana de Oração pelas Vocações e em que celebramos o *Dia da Mãe*, preparemos o nosso coração, para que saiba elevar-se até Deus e fazer-se ao largo, como o de Maria, a Mãe do Senhor.

**Kyrie:**

P. Senhor, Tu és o Sol, o Astro maior, que ilumina de esperança o nosso mundo! Na noite da nossa vida, falta-nos, tantas vezes, a coragem de arriscarmos e de nos lançarmos ao mar imenso da missão. **Senhor, tende piedade de nós!** R. **Senhor, tende piedade de nós!**

P. Cristo, no meio dos discípulos, antes e depois da Tua Ressurreição, está sempre a Tua Mãe. Se nos falta esta Estrela do Mar, do mar imenso da nossa vida, resta-nos a escuridão profunda, em que tantas vezes mergulhámos, perdendo a esperança. **Cristo, tende piedade de nós.** R. **Cristo, tende piedade de nós.**

P. Senhor, a nossa vida é como uma viagem no mar da história, às vezes enevoada e tempestuosa. Porque muitas vezes, na travessia, não nos deixamos guiar por Maria, e nos afogamos em distrações que nos desorientam. **Senhor, tende piedade de nós!** R. **Senhor, tende piedade de nós!**

P. Neste mês de maio, Maria está muito presente na nossa oração de louvor. Ao ser proclamada «*bendita entre todas as mulheres*», Maria exulta de alegria e dá glória a Deus. A sua alma glorifica o Senhor. Como Maria, dêmos glória a Deus.

**Kyrie** com Invocações alternativas para o Tempo pascal– Missal, 3.ª edição, pp. 485

P. Senhor, nossa Paz, Senhor, tende piedade de nós! R. Senhor, tende piedade de nós!

P. Cristo, nossa Páscoa, Cristo, tende piedade de nós! R. Cristo, tende piedade de nós!

P. Senhor, nossa vida, Senhor, tende piedade de nós! R. Senhor, tende piedade de nós!

**Hino do Glória** (rezado)

**Oração coleta do 3.º Domingo da Páscoa**

**II. LITURGIA DA PALAVRA**

1.ª leitura: forma mais breve nas Missas com Catequese

**Leitura dos Atos dos Apóstolos**

Naqueles dias,

o sumo sacerdote falou aos Apóstolos, dizendo:

«*Já vos proibimos formalmente de ensinar em nome de Jesus;*

*e vós encheis Jerusalém com a vossa doutrina*

*e quereis fazer recair sobre nós o sangue desse homem*».

Pedro e os Apóstolos responderam:

«*Deve obedecer-se antes a Deus que aos homens.*

*O Deus dos nossos pais ressuscitou Jesus,*

*a quem vós destes a morte, suspendendo-O no madeiro.*

*Deus exaltou-O pelo seu poder, como Chefe e Salvador.*

*E nós somos testemunhas destes factos,*

*nós e o Espírito Santo que Deus tem concedido*

*àqueles que Lhe obedecem*».

Então os judeus mandaram açoitar os Apóstolos,

intimando-os a não falarem no nome de Jesus,

e depois soltaram-nos.

Os Apóstolos saíram da presença do Sinédrio cheios de alegria,

por terem merecido serem ultrajados por causa do nome de Jesus.

**Palavra do Senhor.**

R. **Graças a Deus.**

SALMO RESPONSORIAL Sl 29 (30), 2.4-6.11-12a.13b (R. 2a)   
Refrão: **Eu vos louvarei, Senhor, porque me salvastes.** Repete-se

2.ª leitura: forma mais breve

**Leitura do Livro do Apocalipse**

Eu, João, na visão que tive, ouvi a voz de muitos Anjos,

que estavam em volta do trono, dos Seres Vivos e dos Anciãos.

Eram milhares de milhares, que diziam em alta voz:

«Digno é o Cordeiro que foi imolado de receber a glória e o louvor».

E ouvi todas as criaturas exclamarem:

«**À**quele que está sentado no trono e ao Cordeiro

o louvor e a honra, a glória e o poder

pelos séculos dos séculos».

**Palavra do Senhor.**

R. **Graças a Deus.**

**Aclamação ao Evangelho:**

Refrão: Aleluia. Aleluia. Repete-se

Ressuscitou Jesus Cristo, que criou o universo

e Se compadeceu do género humano.

Refrão

**Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João** – forma breve

**Homilia no III Domingo de Páscoa C 2025**

1. Um *apagão* pela noite, no mar da Galileia! Mas a luz voltou, com Jesus, ao romper da manhã. É assim a nossa vida: noite e dia. Há a noite e há o romper da manhã. Há a noite, sem Jesus, sem luz, a noite do desânimo e do regresso à velha profissão de pescadores, a noite da tristeza e do vazio, cuja pesca não dá em nada! Há o romper da manhã, a luz do nascer do novo dia, como no terceiro dia, na manhã de Páscoa, com Jesus a manifestar-Se, agora pela terceira vez aos discípulos, sem que eles O reconhecessem ainda, envoltos que estavam pela neblina do desencanto e da tristeza. Há ainda a noite, sem Jesus, sem a Ceia, com o estômago vazio *que toda a noite rabeia*, a noite sem nada para comer, a noite sem luz, *a noite do apagão total da esperança*. E há ainda o romper da manhã, com Jesus, no horizonte, que traz a luz nova e a esperança de um novo dia, de um tempo novo. Há a noite da desistência, do desencanto, da frustração, da crise do sentido da vida. E há o romper da manhã, não já para lançar a âncora, mas para pôr o coração ao largo, lançar a rede para o outro lado, virar a página da vida. E, na luz do dia, o barco volta com a rede a abarrotar de peixes e Pedro desnudado a vestir de novo a túnica e a fazer-se ao mar! Faz-se luz e o discípulo amado exclama: «*É o Senhor*». O mesmo Senhor senta-os, uma vez mais, à volta da mesa, para lhes abrir os olhos, para reacender neles a chama viva da sua esperança. Jesus tem para eles algo mais elevado do que voltar à pesca de antigamente. “*Cada vocação na Igreja é sinal da esperança que Deus nutre pelo mundo e por cada um dos seus filhos*” (cf Papa Francisco, Mensagem para o Dia Mundial de Oração pelas Vocações 2025).

2. Esta noite, *com o apagão total da esperança*, é a noite de muitos jovens “*que se sentem perdidos face ao futuro. Frequentemente vivem na incerteza quanto às perspetivas de emprego e, lá no fundo, experimentam uma crise de identidade que é uma crise de sentido e de valores, que a confusão digital torna ainda mais difícil de atravessar. Contudo, o Senhor, que conhece o coração de cada pessoa, vem ao encontro de cada um de nós e não nos abandona na insegurança; pelo contrário, renova a confiança na nossa missão, quer suscitar em cada um a consciência de ser amado, chamado e enviado como peregrino de esperança*” (cf Papa Francisco, Mensagem para o Dia Mundial de Oração pelas Vocações 2025). A pergunta de Jesus a Pedro «*amas-me, amas-me mais do que estes?*» renova-se a cada um de nós. O dom da vida exige uma resposta generosa e fiel. *Em que forma de vida é possível retribuir o amor com que Ele primeiro nos ama? No Matrimónio, na vida consagrada, no ministério ordenado?* Cada resposta vocacional corresponde ao desejo de fazer da vida um dom de amor. Toda a vocação é assim animada pela nossa esperança no Senhor, que se traduz em confiança na Sua Providência, mas cada vocação é igualmente “*um sinal da esperança que Deus tem pelo mundo e por cada um dos seus filhos*” (bidem). Esperamos tudo d’Ele. Ele espera tudo de nós.

3. Neste Domingo, início da Semana de Oração pelas Vocações, celebramos também em Portugal o Dia da Mãe, que nos desafia *a* ***«elevar o coração»***. “*A mãe é, sobretudo, a heroína que eleva o coração do marido, dos filhos, dos netos, hoje, amanhã e sempre, nos momentos de alegria, assim como na angústia e na tempestade. A força do seu coração chega a todos, impercetivelmente ou com gestos, silenciosamente, ou com palavras*” (Comissão Episcopal da Família, Mensagem para o Dia da Mãe 2025). De algum modo, no dom da vida, que brota do coração de uma mãe, como do seio materno de Deus, aprendemos todos a fazer da nossa vida um dom de amor aos outros. O coração da mãe que se eleva, em discreta doação e humilde serviço, mostra-nos que somos feitos para coisas mais elevadas, que somos peregrinos de uma esperança maior. O coração que se eleva em cada mãe é também «***o coração que se põe ao largo***», que não hesita em fazer-se ao mar, contando sempre com Cristo, ora como timoneiro, ora como âncora segura e firme. Neste «*pôr o coração ao largo*», para o que Deus quiser, contemos sempre com a proteção e guia de Maria, a nossa Estrela do Mar!

**Credo batismal:** R. **Sim, creio.**

P. Credes em Deus, que é nosso Pai e nos ama a todos com um coração de Mãe?

R. **Sim, creio!**

P. Credes em Jesus Cristo, nosso Cordeiro pascal, que nos traz a luz, o pão, o perdão, a paz?

R. **Sim, creio!**

P. Credes no Espírito Santo, que nos gera e orienta no caminho da Vida?

R. **Sim, creio!**

P. Credes na Igreja, Mãe de coração aberto para todos?

R. **Sim, creio!**

P. Credes na Vida eterna, nos novos céus e na nova terra do mundo novo que há de vir?

R. **Sim, creio!**

**Preces**

P. Irmãs e irmãos: Na sua Mensagem para este Dia Mundial de Oração pelas Vocações, o saudoso Papa Francisco dirige-nos um alegre e encorajador convite a sermos *peregrinos de esperança, doando generosamente a vida*. Peçamos ao Senhor, a confiança e coragem de lhe correspondermos com amor, dizendo:

R. **Cristo, nossa esperança, ouvi-nos!**

1. Pela Santa Igreja: para que aprenda de Maria a ser uma Mãe de coração aberto, capaz de acolher, discernir e acompanhar o caminho vocacional das novas gerações. Invoquemos.
2. Pelos cardeais eleitores: para que estejam atentos à voz do Espírito e alegrem o Povo Santo de Deus com um Papa, que nos ilumine e guie com a verdade do Evangelho. Invoquemos.
3. Por todas as pessoas com cargos de chefia ou de governo: para que defendam e promovam os dons da maternidade e da vida e a dignidade infinita de cada pessoa humana. Invoquemos.
4. Pelas mães, que elevam o nosso coração, no meio das alegrias e esperanças, das angústias e tempestades da nossa vida: para que, à imagem de Maria, Estrela do Mar, nos atraiam para as coisas do alto e nos guiem no caminho da esperança. Invoquemos.
5. Por todas as crianças, jovens e adultos: para que ponham o seu coração ao largo, acolham, descubram a sua vocação e consigam corresponder-lhe, na oração, no discernimento e no serviço. Invoquemos.
6. Por todos nós: para que apoiemos, com a nossa oração, a nossa partilha e acompanhamento atento, o tesouro da vocação de cada pessoa, que cresce e se fortalece sempre numa comunidade, que crê, ama e espera. Invoquemos.

P. Senhor, nosso Deus, que derramastes os dons do Espírito Santo sobre a Virgem Maria, em oração, com os Apóstolos, concedei-nos, pela sua intercessão, e sob a Guia da Estrela do Mar, que perseveremos unidos na oração e corajosos na missão. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus e convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo, pelos séculos dos séculos.

R. Ámen.

**IV. LITURGIA EUCARÍSTICA**

**Cântico na apresentação dos dons (ofertório)** *|* **Prefácio Pascal II** - Missal, 3.ª edição, pág. 544 *|* **Santo** (cantado) | **Oração Eucarística II -** Missal, 3.ª edição, pág. 658 *|* **Aclamação** - cantada - Missal, 3.ª edição, pág. 663P. Mistério da fé para a salvação do mundo!R. Glória a Vós, que morrestes na Cruz e agora viveis para sempre. Salvador do mundo, salvai-nos. Vinde, Senhor Jesus! *|* **Doxologia final** (cantada)**:**Por Cristo… R. Ámen.- Missal, 3.ª edição, pág. 667 *|* **Ritos da Comunhão -**Missal, 3.ª edição, pág. 690

**Pai-Nosso** - Missal, 3.ª edição, pág. 691 *|* **Embolismo**

**Rito da Paz**

P. Antes de partir, Jesus deixa a promessa de uma Páscoa de Paz: «*Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não vo-la dou como o mundo a dá*» (Jo 14,27). Depois, as palavras do Ressuscitado não ressoarão diversamente; todas as vezes que Ele encontrar os Seus discípulos, estes receberão d’Ele a saudação e o dom da sua Páscoa de Paz, quando lhes diz a «Paz está convosco» (Lc 24,36; Jo 20,19.21.26).

Diácono: De coração elevado e com o coração ao largo, no espírito de Cristo Ressuscitado, saudai-vos uns aos outros com um gesto de Paz.

**Fração do Pão - Cordeiro de Deus** (cantado) **| Convite para a Comunhão:**

P.Felizes os convidados para o banquete nupcial do Cordeiro.

Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!- Missal, 3.ª edição, pág. 695

**Distribuição da Comunhão e Cântico de comunhão**

**Oração pós-comunhão**

**Oferta às mães de uma Estrela do Mar** – só no domingo

Diácono: Neste momento queríamos oferecer às mães uma ***Estrela do Mar***. Com um hino muito antigo, desde o século oitavo ou nono, a Igreja saúda Maria, a Mãe de Deus, como «*Estrela do Mar*»! Cabe às mães, de modo muito especial, orientar o caminho dos filhos, que delas precisam para conhecerem bem o rumo e a meta. Na verdade, a vida é como uma *viagem* no *mar da história*, com frequência enevoada e tempestuosa, uma viagem na qual nos deixamos orientar pelos astros que nos indicam a rota. Certamente, Jesus Cristo é a Luz por excelência, o Sol erguido sobre todas as trevas da nossa vida. Mas, para chegar até Jesus, Luz do Mundo, precisamos também de luzes vizinhas, de pessoas que dão luz recebida da luz que recebem de Jesus e assim oferecem orientação e guia para a nossa travessia. Ora, quem mais do que Maria, poderia ser para nós *Estrela de Esperança*? Ela que, pelo seu «sim», abriu ao próprio Deus a porta do nosso mundo?! Ao oferecer às mães esta *Estrela do Mar* queremos pedir-lhes que sejam como Maria «*estrelas»* que guiam os filhos, que elevam os seus corações e os ajudam a fazer-se ao largo, como peregrinos de esperança.

**Bênção das mães com a Estrela do Mar** – só no domingo

P. Senhor, nosso Deus:

olhai e + abençoai estas mães,

que doravante levarão no pulso

o símbolo da Estrela do Mar.

À imagem de Maria, verdadeira Estrela do Mar,

saibam estas mães não apenas dar à luz os filhos,

mas dar-lhes luz da Luz recebida do Vosso Filho.

Por esta bênção, nós pedimos:

no seio das tempestuosas vicissitudes da vida,

a Vossa Mãe, Estrela do Mar, venha em nosso auxílio,

nos apoie e nos convide a ter fé

e a esperar contra toda a esperança.

Por Cristo, nosso Senhor.

R. Ámen.

**Cântico mariano** (ou outro): À vossa proteção nos acolhemos, Santa Mãe de Deus. Não desprezeis as nossas súplicas nas nossas necessidades, mas livrai-nos de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita.

**V. RITOS FINAIS**

**Agenda Pastoral || Senhora da Hora**

1. Este domingo celebramos o Dia da Mãe. “*Elevar o coração*” foi o tema escolhido pela Comissão Episcopal da Família.
2. Tem início neste Domingo a Semana de Oração pelas Vocações, subordinada ao tema «Chamados à esperança». Ofertórios do próximo fim de semana destinam-se à Pastoral das Vocações. Na próxima terça-feira, às 21h00, a oração do Rosário na Igreja antiga inclui a Adoração do Santíssimo, pelas Vocações.
3. Curso bíblico vicarial, esta 2.ª feira, às 21h30, via zoom, sobre a diáspora judaica.
4. Oração do Rosário no mês de Maria: às segundas, terças, quintas e sextas, às 21h00 na Igreja Antiga; às quartas-feiras, rosário na cidade, às 21h00, esta semana na Rua Dr. Gomes Laranjo, por trás dos prédios voltados para Feira da Senhora da Hora; aos sábados, às 16h30 e aos domingos, às 18h00, na Igreja paroquial.
5. Quarta-feira não há celebração da Eucaristia.
6. A Comunidade *Fé e Luz* promove uma peça de teatro da companhia "Sarilhos e Cadilhos" designada por "Mãe Querida" O valor da bilheteira ajuda às despesas das atividades com os nossos Amigos Especiais. A peça será no dia 9 de Maio (sexta-feira) pelas 21h30, na Cripta da nossa Igreja. Os bilhetes têm um valor de 10 luzes. Crianças até aos 6 anos não pagam. Crianças dos 7 aos 12 anos pagam apenas 5 luzes.
7. Inscrições para a Peregrinação jubilar a Lamego dia 21 de junho, na secretaria paroquial ou nas sacristias. Preço: 10 euros, para crianças e catequizandos até ao grupo de crismandos; 15 e para os restantes.
8. Sexta-feira, dia 09, às 21h30, encontro com catequizandos do 6.ºano e seus pais.
9. Domingo, dia 11, às 17h30, ritos preparatórios para o Batismo de catecúmenas. Oração do Terço nesse domingo, será na Sala Nobre.

**Agenda Pastoral || Guifões**

1. Este domingo celebramos o Dia da Mãe. “*Elevar o coração*” foi o tema escolhido pela Comissão Episcopal da Família.
2. Oração do Rosário esta semana: terça, 6 de maio: Rosário no exterior, na Travessa do Salvado, em frente ao n.º 211. Na Igreja matriz: quinta, às 18h30; sexta, às 21h00; sábado, às 16h30
3. Tem início neste Domingo a Semana de Oração pelas Vocações, subordinada ao tema «Chamados à esperança». Ofertórios do próximo fim de semana destinam-se à Pastoral das Vocações.
4. Curso bíblico vicarial, esta 2.ª feira, às 21h30, via zoom, sobre a diáspora judaica.
5. Sexta-feira, dia 09, às 21h30, na Senhora da Hora, encontro com catequizandos do 6.ºano de mabas as paróquias e com os seus pais.
6. Inscrições para a Peregrinação jubilar a Lamego dia 21 de junho, na secretaria paroquial ou nas sacristias. Preço: 10 euros, para crianças e catequizandos até ao grupo de crismandos; 15 e para os restantes.
7. Sábado, dia 10, na Missa das 17h30, ritos preparatórios para o Batismo de duas crianças catecúmenas.

**Bênção final | Despedida**

P. (ou Diácono):

Guiados pela Estrela do Mar,

continuamos o caminho,

como peregrinos de Esperança.

Ide em Paz e que o Senhor vos acompanhe.

R. Graças a Deus.

**Cântico final**

**Oração para a bênção da mesa | 4.05.2025 | Dia da mãe**

Senhor Jesus,

Tu és a luz ao romper da manhã,

que põe fim ao apagão da noite,

quando perdemos a esperança

e a confiança no futuro

e voltamos ao passado.

À volta da mesa

abriste os olhos

e alimentaste a esperança

dos teus discípulos.

Neste Dia abençoa

não só esta refeição,

mas todas as mães,

que são a luz do Teu coração

que se eleva sobre a nossa mesa.

Ámen.

Senhor, Tu sabes tudo.

Sabes que precisamos de batizados

que sigam com amizade o Teu filho.

De esposos que se amem

como o Teu filho amou a Igreja.

De religiosos que se consagrem

segundo os conselhos evangélicos do Teu filho.

De leigos consagrados no mundo

por quem o Teu filho se entregou.

De presbíteros que o sejam

à imagem do Teu filho Bom Pastor.

Senhor, Tu sabes tudo.

E sabes que temos dificuldade em ouvir-Te.

Dá-nos ouvidos abertos,

chama-nos mais alto, com mais força,

através da Tua Igreja.

Chama-nos à esperança

para que não morramos antes da vida.

Senhor, Tu sabes tudo

e, ainda assim, tudo isto Te pedimos,

por Cristo nosso Senhor.

Ámen.

**

**HOMILIAS**

**III DOMINGO**

**DA PÁSCOA C**

**Homilia - Dia da Mãe 2022 | Tópicos: os gestos maternos de Jesus**

1. **A linguagem da ternura e do amor: “filhinhos”… “Pedro, tu amas-Me”?**

Jesus vem ao encontro dos discípulos, quando estão dispersos, perdidos, desanimados, desorientados. Vem pela terceira vez, para lhes desembaciar os olhos, para lhes descobri o rosto. E qual a linguagem que usa? A de uma mãe: “*Filhinhos, tendes alguma coisa para comer*”? É a linguagem do afeto, da ternura, da proximidade, do zelo, da preocupação, como a de uma mãe que acalenta os filhos que anda a criar. Mãe que reúne, como a galinha, os seus pintainhos… Mãe atenta às nossas tristezas. Esta linguagem repete-se no encontro com Pedro. Jesus não atira à cara, não cobra, não pede contas. Pede o amor, em resposta ao amor e contenta-se com a nossa pobre amizade. Como uma mãe, Jesus cura as feridas, sossega o coração, restabelece a paz. Ele ensina-nos a importância do afeto e da ternura nas nossas relações pessoais.

1. **A coragem de arriscar: “lançai as redes”**

Jesus desafia dos discípulos a arriscar. A lançar as redes. A ousar, a fazer de outro modo. A dar uma nova oportunidade à vida. Jesus ensina os discípulos a terem a generosidade e a coragem de todas as mães, que são capazes de arriscar tudo, pela promessa de Deus, quando lhes aos discípulos: «*Lançai a rede*» (*Jo* 21,6).

Uma boa mãe não se atém nem retém para si os filhos, ajuda-os a fazerem-se à vida, para não permanecerem comodamente debaixo das suas asas maternas ou, dito de outro modo, para não ficarem parados na praia, a reparar as redes do barco, que lhes dá mais segurança.

Encorajados pelo testemunho das mães, os filhos tornar-se-ão capazes de se fiar na promessa do Senhor e deixar tudo o que os poderia manter amarrados ao seu pequeno barco, impedindo-os de fazer uma escolha definitiva.

Como uma mãe corajosa, a Igreja não pode tornar-se uma *babysitter*, mas deve lançar os seus filhos no mar da vocação, fazê-los sair de si mesmos em missão. **Na verdade, Jesus que vem ao nosso encontro nas praias das nossas vidas, desafia-nos, com o exemplo das nossas mães, a termos a coragem de arriscar com Ele e por Ele, a aventurarmo-nos por novas rotas, rumo a um sonho maior, para que as nossas vidas não fiquem vazias e a Igreja se torne uma mãe estéril. Se quereis perder o medo, olhai para as vossas Mães, voltai hoje aos braços d’Aquela que foi portadora da promessa de Deus e dizei-Lhe: “*Mãe, obrigado(a) pela coragem de arriscar!*”**

1. **Prepara a mesa. Alimenta** os seus filhinhos**: acende o lume novo, prepara as brasas, assa o peixe.**

Ele mesmo acende o lume novo, prepara-nos a mesa na abundância e dá-Se a Si mesmo, como nosso Cordeiro, à mesa da Eucaristia! Ele alimenta-nos, como uma mãe, solícita, atenta, preocupada com os seus filhos. Ele ensina-nos a importância da mesa, do pão. O Ressuscitado continua a fazer da mesa esse lugar privilegiado do encontro, da proximidade, da amizade, da familiaridade, do perdão e da festa. Por isso, é necessário apostar, de novo, nos encontros à volta da mesa, seja lá em vossa casa, entre familiares e amigos, seja nesta nossa casa, para crescermos como comunidade de amor. Tirarmos as máscaras supõe agora dispormo-nos e expormo-nos a este tipo de encontros à volta da mesa.

Uma forma de o fazermos é rezarmos à mesa. Termino com esta oração, que vos proponho para a bênção da mesa neste almoço.

Senhor Jesus,

Tu tratas-nos por *filhinhos*

e, tal como uma mãe carinhosa,

acendes em nós o lume novo

e preparas-nos uma nova refeição

onde Tu nos precedes e excedes

na abundância do Teu Amor.

Desembacia os nossos olhos,

escurecidos e impedid0s de Te reconhecer,

na noite e no vazio das nossas vidas.

Faz que reconheçamos sempre a Tua voz

de único e verdadeiro Pastor.

Dá-nos mães e mãos generosas

que nos procurem, guiem e alimentem

na fé, na esperança e no amor.

Ámen.

**Homilia no III Domingo de Páscoa C 2022**

Com a Páscoa, chegou o *dia da libertação*. Aleluia. Caíram as máscaras! Podemos agora viver o tempo pascal de *cara descoberta*. A Palavra de Deus ajuda-nos a dar significado pascal a esta libertação das máscaras, cujo uso primeiro estranhámos e logo depois entranhámos. O risco maior agora é o de nos acomodarmos ao seu uso, procurando mais a nossa proteção individual do que a nossa aproximação aos outros. Deixemo-nos *desmascarar*, seguindo os três passos do Evangelho: *desembaciar as lentes, destapar o rosto e apostar nos encontros à volta da mesa.*

**1. *Desembaciar as lentes.*** O Ressuscitado não usa máscaras de espécie alguma. Jesus manifesta-Se aos discípulos ao limiar do dia, mete conversa com eles, no final de uma pesca falida, mas eles não O reconhecem à primeira, nem à segunda. Têm ainda o seu olhar embaciado pela máscara da tristeza e do desencanto. O seu olhar está filtrado pelas lentes escuras da noite, pela sensação do vazio, do desnorte, do medo. Apesar de tudo, aceitam o desafio de Jesus em lançar as redes noutra direção. E, na abundância daquela pesca, o discípulo amado vê e lê o sinal do Ressuscitado e logo diz a Pedro: «*É o Senhor*». Pedro não se pode esconder por trás de uma máscara. Não se pode enterrar no chão. Atira-se ao mar. Depois Jesus acende um lume novo, outra fogueira, outro calor, que desembacia de vez o olhar embotado dos discípulos, os abrasa e contagia de profunda alegria.

Este tempo de Páscoa seja uma oportunidade para deixarmos o Senhor desembaciar o nosso olhar, para podermos ver as pessoas, a realidade, sem os filtros das nossas lentes escuras, mas na luz do Senhor, na luz da fé, com as suas lentes luminosas e progressivas.

**Homilia no III Domingo da Páscoa C 2019 | Dia da Mãe 2019 | Início da Semana das Vocações**

1. Sem Cristo, *o Homem do leme*, o grupo disperso dos discípulos volta à pesca, regressa às lides de antigamente, faz-se ao mar. Mas andaram toda a noite… e os sete não apanharam nada! Nesta escuridão estéril, e sem nada para comer, Jesus vem ao encontro daqueles pescadores, para lhes quebrar a **paralisia da normalidade**. Ele não quer **que a vida dos seus discípulos se torne prisioneira do banal** ou que se deixe arrastar por inércia, nos hábitos de todos os dias. O Senhor não quer que eles se resignem a viver o dia a dia, pensando que afinal de contas não há nada por que valha a pena comprometer-se apaixonadamente, apagando a inquietação interior de quem **procura novas rotas para a nossa navegação**. Por isso e para isso, Jesus manifesta-Se, *pela terceira vez*, ao romper da manhã, como no dia inaugural da Sua Páscoa gloriosa. Com Ele vem a luz do dia! E, à Sua Palavra «*Lançai a rede*» (*Jo* 21,6), os discípulos retomam ânimo e fazem-se ao mar, porque quem não arrisca não petisca! E eis que são surpreendidos e arrastados pela abundância da pesca. Reconhecem então que estão diante do mesmo “*Homem do leme*” que um dia os chamara, nas margens do mesmo mar da Galileia, e os desafiara a ter a coragem de arriscar tudo com Ele e por Ele. Jesus viera pela terceira vez ao seu encontro, para os desafiar a entrar num grande projeto; apresenta-lhes o horizonte de um mar mais amplo e de uma pesca superabundante. Se os faz experimentar uma «pesca miraculosa», é porque lhes quer fazer descobrir que cada um deles é chamado – de diferentes modos – para algo de grande, e que a vida não deve ficar presa nas redes do sem sentido e daquilo que anestesia o coração. Em suma, a vocação é um convite a não ficar parado na praia com as redes na mão, mas a seguir Jesus pelo caminho que Ele pensou para nós, para a nossa felicidade e para o bem daqueles que nos rodeiam.

2. Irmãos e irmãs: neste Ano missionário, neste início da Semana de Oração pelas Vocações, e neste tão belo Dia da Mãe, a ação de Jesus Ressuscitado junto dos discípulos desafia-nos a termos a generosidade e a coragem de Maria, nossa Mãe, e de todas as mães, que são capazes de arriscar tudo, pela promessa de Deus!

2.1. Penso, antes de mais nada, na *Igreja como Mãe*, que nos gera e dá à luz, através do Batismo. É precisamente na comunidade eclesial, como no ventre de uma mãe, que nasce e se desenvolve a existência cristã. Precisamente porque nos gera para a vida nova e nos leva a Cristo, a Igreja é nossa Mãe; devemos amá-la e embelezá-la quando vislumbramos no seu rosto as rugas do nosso pecado.

2.2. Por outro lado, uma boa mãe não retém para si os filhos; ajuda-os a fazerem-se à vida, para não permanecerem comodamente debaixo das suas asas maternas ou, dito de outro modo, para não ficarem parados na praia, a reparar as redes do barco, que lhes dá mais segurança. Encorajados pelo testemunho das mães, os filhos tornar-se-ão capazes de se fiar na promessa do Senhor e deixar tudo o que os poderia manter amarrados ao seu pequeno barco, impedindo-os de fazer uma escolha definitiva. Como uma mãe corajosa, a Igreja não pode tornar-se uma *babysitter*, mas deve lançar os seus filhos no mar da vocação, fazê-los sair de si mesmos em missão. Na verdade, Jesus que vem ao nosso encontro nas praias das nossas vidas, desafia-nos, a partir do belo exemplo das nossas mães, a termos a coragem de arriscar com Ele e por Ele, a aventurarmo-nos por novas rotas, rumo a um sonho maior, para que as nossas vidas não fiquem vazias e a Igreja se torne uma mãe estéril.

3. Irmãos e irmãs, e particularmente vós, os mais novos: não vos deixeis contagiar pelo medo, que vos paralisa, à vista dos altos cumes, que o Senhor vos propõe. Àqueles que deixam as redes e o barco para O seguirem, Jesus promete a alegria de uma vida nova, que enche o coração e anima o caminho. Se quereis perder o medo, voltai hoje aos braços d’Aquela que foi portadora da promessa de Deus e dizei-Lhe: “*Mãe, obrigado(a) pela coragem de arriscar!*”

**Homilia no III Domingo da Páscoa C 2019 | Dia da Mãe 2019 | Início da Semana das Vocações**

*Forma mais breve*

1. Neste início da Semana de Oração pelas Vocações, e neste tão belo Dia da Mãe, a ação de Jesus Ressuscitado junto dos discípulos desafia-nos a termos a generosidade e a coragem de Maria, nossa Mãe, e de todas as mães, que são capazes de arriscar tudo, pela promessa de Deus, quando diz aos discípulos: «*Lançai a rede*» (*Jo* 21,6).

2. Uma boa mãe não retém para si os filhos, ajuda-os a fazerem-se à vida, para não permanecerem comodamente debaixo das suas asas maternas ou, dito de outro modo, para não ficarem parados na praia, a reparar as redes do barco, que lhes dá mais segurança. Encorajados pelo testemunho das mães, os filhos tornar-se-ão capazes de se fiar na promessa do Senhor e deixar tudo o que os poderia manter amarrados ao seu pequeno barco, impedindo-os de fazer uma escolha definitiva.

3. Como uma mãe corajosa, a Igreja não pode tornar-se uma *babysitter*, mas deve lançar os seus filhos no mar da vocação, fazê-los sair de si mesmos em missão. Na verdade, Jesus que vem ao nosso encontro nas praias das nossas vidas, desafia-nos, com o exemplo das nossas mães, a termos a coragem de arriscar com Ele e por Ele, a aventurarmo-nos por novas rotas, rumo a um sonho maior, para que as nossas vidas não fiquem vazias e a Igreja se torne uma mãe estéril.

4. Irmãos e irmãs, e particularmente vós, os mais novos: não vos deixeis contagiar pelo medo, que nos ata, que não nos deixa ser livres. O Senhor pede-vos a coragem de ser mais, de dar mais, de ir mais longe, de ir contra a corrente, de ser diferente. Ser discípulo, isto é, seguir Jesus, e ser missionário, isto é, anunciá-l’O, pede-nos muita coragem e ousadia, sobretudo quando os outros, que nos rodeiam, se contentam em viver a vida apenas a pensar em si ou a pensar só no que comer ou vestir.

5. Àqueles que deixam as redes e o barco para O seguirem, Jesus promete a alegria de uma vida nova, que enche o coração e anima o nosso caminho. Se quereis perder o medo, olhai para as vossas Mães, voltai hoje aos braços d’Aquela que foi portadora da promessa de Deus e dizei-Lhe: “*Mãe, obrigado(a) pela coragem de arriscar!*”

**Homilia no III Domingo de Páscoa C 2016**

*Suportar com paciência as fraquezas do nosso próximo!*

**1.** Esta é a sexta obra de misericórdia espiritual, que nos propomos viver, nesta terceira semana da Páscoa. Dita assim, ou, na pior tradução, «*suportar com paciência as pessoas molestas*»,nem parece uma obra de misericórdia! Dá-nos a impressão, à primeira vista, de que já não há nada a fazer, «*perante as pessoas molestas*» ou aborrecidas, que nos carregam ou sobrecarregam de problemas, que se nos tornam pesadas, difíceis de aturar, de suportar. Mas a paciência de Jesus ressuscitado, com os Seus discípulos, na Sua terceira aparição, e o testemunho alegre dos Apóstolos, perante os ultrajes, ajudam-nos a viver retamente esta obra de misericórdia.

**2.** Talvez pudéssemos decompor a formulação desta obra de misericórdia em três partes, para a compreender melhor: 1.ª - o verbo «suportar; 2.ª - o advérbio de modo «*com paciência*» e 3.ª - o «objeto humano» da ação: «*as fraquezas do nosso próximo*». Vamos então por partes:

**2.1. «Suportar»!** É uma palavra pouco simpática, mas no fundo traduz este dever moral de “*carregarmos a carga uns dos outros*” (Gl 6,2). Suportar significa ser «*mais forte*», para apoiar, para arcar com o peso do outro, que cai ou recai sobre nós. Quem está alicerçado em Cristo, enraizado e firme n’Ele, não se deixa amolecer, ou ir abaixo, perante as dificuldades. Quem suporta o outro, mostra-se afinal mais forte do que ele. E é preciso suportar, com amor, porque «*o amor tudo suporta*» (Ef 4.1-2; 1 Cor 13,7). A este título, recordo uma parábola africana: *«Num caminho escarpado, um homem encontra uma menina que carrega às costas uma criança quase do tamanho dela. Disse-lhe o homem: “Tens aí um fardo pesado”. Respondeu-lhe a menina: “Não é um fardo! É o meu irmão”. As palavras desta criança ficaram sempre gravadas no seu coração. A partir dali, quando os homens o dececionam e a coragem o abandona, o homem recorda-se: “Não estou a carregar um fardo; é o meu irmão”»* (Guy Gilbert, *Perdoar as injúrias*, Ed. Paulinas: Prior Velho, 2015, p.49).

Mas “*suportar*” significa também resistir sem se enervar, dominar-se sem se descompor, pois “*dominar-se a si mesmo, vale mais do que conquistar uma cidade*” (Pr 16,32). Significa suportar as injúrias e as crueldades pacientemente, sem se deixar perturbar, encontrando aí a perfeita alegria, como nos diz São Francisco, e de que são um belo exemplo os Apóstolos, «*que saíram da presença do Sinédrio, cheios de alegria, por terem merecido ser ultrajados, por causa do nome de Jesus*». Suportar significa “*resistir ao mal com o bem*” (Rm 12,21), não retaliar, recusar o ataque, perseverar e mostrar firmeza (Rm 12,12), diante das perseguições. “*É uma graça do Espírito Santo poder vencer-se a si próprio e suportar, de boa vontade, por amor de Cristo, penas, injúrias, ultrajes e incomodidades*” (São Francisco).

**2.2.** **«*Com paciência*».** Não se trata aqui de resignação, demissão ou indiferença e passividade, frente ao esforço de correção, de melhoria e de mudança. Não. Suportar com paciência significa mostrar firmeza, recusar o ataque, manter a calma, perante as situações irritantes, ao mesmo tempo que nos dispomos a aguardar com expetativa (Rm 8,24-25), a aceitar a lenta maturação das pessoas, sem perder a esperança de “melhores dias”. Isto mesmo faz Jesus, com os Apóstolos, que O traíram e negaram, que se mostravam “*lentos de espírito para compreender*” o mistério da Sua morte e ressurreição. Jesus aparece-lhes e manifesta-Se, uma e outra vez, uma terceira vez, e as vezes que forem necessárias, até que amadureçam, na fé e na esperança, até que se tornem capazes de O seguir e servir até ao fim. Não por acaso, São Paulo coloca como primeiro atributo do amor a paciência (1 Cor 13, 4), sem a qual a esperança e a fé, não chegam a dar fruto.

**2.3.** **«*As fraquezas do nosso próximo*».** Estas parecem-nos traves intoleráveis e insuportáveis. Mas um olhar atento sobre o argueiro dos nossos defeitos e feitios, dos nossos pecados e debilidades, rapidamente nos leva a usar de mais paciência e misericórdia, para com o próximo, tal como Deus o faz connosco, porque é um «*Deus paciente e misericordioso*» (MV 6). Suportar com paciência as fraquezas do nosso próximo impede-nos de nos precipitarmos a julgar os outros e ajuda-nos a «*valorizar o que há de bom em cada pessoa*» (MV 14). “*Quem se impacienta com os defeitos do outro, tem nisso a prova da sua imperfeição*” (S. Gregório Magno).

**3.** Irmãos e irmãs, para vivermos bem esta sexta obra de misericórdia, invoquemos a sabedoria e a fortaleza do Espírito Santo e rezemos, com São João XXIII:

*Senhor, dai-me coragem para mudar o que deve ser mudado,*

*Serenidade, para aceitar o que não pode ser mudado*

*E sabedoria, para distinguir uma coisa da outra.*

**Homilia no III Domingo de Páscoa C 2013**

**1.** Desta feita, não há tempestades, nem ventos contrários. E a barca não está a meter água, por lado nenhum. São sete os tripulantes, mais que habituados à barca, às redes e à pesca. Regressam ali, às lides de antigamente, ao mar da Galileia, como se três anos de caminho com Jesus fossem simplesmente por água-abaixo. Já não bastava a desilusão e a desorientação dos últimos dias, para ainda por cima, se verem a braços, com uma rede vazia, depois de uma noite, em que não apanharam nada! Ao trauma de um passado recente, junta-se a impotência do presente e a incerteza do futuro. Que fazer da barca? Para onde lançar as redes?!

**2.** É neste «*vale de lágrimas*», que Jesus amanhece e aparece! Mas os discípulos não sabiam ainda que era Ele. A presença do Ressuscitado não se manifesta, a quem tem fechados os olhos da fé. Não se pode reconhecer o corpo luminoso de Jesus, quando a visão está ainda tão contraída, pela escuridão da noite! Por isso, Jesus aproxima-se dos seus rapazes, num trato familiar, e pede então de comer a quem perdeu o seu ganha-pão. É altura de os sete confessarem a penúria que lhes vai nos bolsos e o vazio que lhes sobra no coração: “*Não*”. *Não temos nada para comer*. Aliás, não era a primeira vez, que tal acontecia. E, por isso, Jesus desafia-os, de novo, a acreditar, a fiar-se e a obedecer à sua Palavra, a confiar no seu bom conselho. Há que lançar, de novo, as redes, talvez noutra direção, de modo mais adequado. Eles assim fizeram. E a *abundância* foi o sinal «mais» de que, afinal, ali está a marca de Jesus: «*é o Senhor*»! Pedro, como não podia fazer um furo na terra, para se enterrar, enfiou a roupa e atirou-se ao mar. Com que cara havia de enfrentar aquele Jesus, que negara, e que agora nem sequer reconhecera? Mas quando regressa, há uma rede que não se rompe, apesar dos 153 peixes, numa variedade de toda a espécie. E há, mais uma vez, uma mesa posta, para pôr a conversa em dia, para tecer e religar os fios da amizade com Jesus!

**3.** E, quando menos se esperava, à sobremesa, Jesus chama Pedro, para uma conversa *de trás de orelha*, mas não para um *puxão de orelhas*! Jesus não censura, não acusa, não pede explicações! Jesus examina Pedro, sobre o amor. E Pedro, o mais que pode, é declarar, em triplicado, a sua amizade por Cristo. Mas Jesus contenta-se com esse pouco e renova, mais uma vez, a sua plena confiança em Pedro; reitera-lhe o mandato de «*apascentar os seus cordeiros*». E ali mesmo, no lugar do primeiro chamamento, Jesus diz de novo a Pedro: «*não tenhas medo da tua fraqueza, confia em Mim*». A sua última palavra é igual à primeira: “*Segue-me*”!

**4.** Com certeza, que a história desta rede lançada ao mar, e deste “mar à mesa”, daria pano para mangas, até porque as conversas com Jesus nunca mais têm fim! Mas eu gostaria apenas que cada um se sentisse, hoje, confirmado por Jesus, no seu amor, mesmo e apesar da sua pouca fé. Jesus pede a cada um de nós que não nos afundemos no insucesso, que não desistamos de lançar as redes, que saibamos recomeçar, cada manhã, para O seguirmos até ao fim. Jesus renova hoje a sua confiança em mim, mesmo depois do fracasso. Ele acredita em mim, mesmo quando porventura já desacreditei d’Ele!

**5.** Entramos nós numa barca, que navega ao sopro do Espírito Santo, com as velas içadas, por cada um dos seus sete dons. Não se trata de um navio, para um cruzeiro de férias. É uma barca, para lançar as redes. Para chamar outros, para pescar ou repescar! Teremos nós redes, à medida, para chegar ao vasto mar de gente, que nos parece escapar, por entre os seus furos, como a água por entre os dedos? Ou não pescamos nada, porque desconhecemos os lugares, por onde navegam as pessoas, e queremos pescá-las, ali onde elas não estão? Estaremos a usar as redes certas, o modo certo de as lançar, para chegar às pessoas deste tempo? Nesta cidade, sinto, muitas vezes, que não tenho grandes redes, por onde passar a mensagem, para além da net, pois, fora do adro da Igreja, tudo é muito espesso, muito anónimo, não há praticamente lugares de encontro e reunião de pessoas! Por isso, só uma vasta rede de colaboradores pode fazer chegar a mensagem ao bairro, às casas, às famílias, a cada um. É uma pesca à linha, mais do que pela rede. Que o Espírito Santo nos ilumine, no meio da escuridão, que nos conceda o dom do seu conselho, que nos oriente na direção certa, no modo apropriado, para uma pesca abundante, em mares nunca dantes navegados!

**HOMILIA NA MISSA COM CATEQUESE – III DOMINGO DE PÁSCOA C 2013**

**Desistir de Jesus!**

1. Pedro e os seus companheiros voltam ao tempo, antes de conhecerem Jesus, precisamente ali, no Lago de Tiberíades, onde Jesus, um dia, chamou os primeiros discípulos! Andaram com Jesus três anos… e agora, voltam ao ofício de antigamente! Até parece que nada ficou dessa amizade, desses três anos de escuta e convivência, de partilha e de amizade com Jesus! Voltam a pescar… tentando afogar as mágoas e esquecer o passado… Com Pedro, desistem todos os outros, que também se dispõem a pescar, a voltar ao que faziam antes de conhecer Jesus!
2. Mas, sem Jesus, fora dele, nada podem fazer! A pesca não resulta. Sem Jesus, é de noite. O escuro acentua-se: a tristeza é maior! A vida não rende!
3. Por isso, ao romper da manhã, Jesus manifesta-se! Vem ao encontro dos desiludidos. E Jesus desafia-os aos sete a pescar, mas a fazê-lo agora, a partir da Sua Palavra, da sua presença. E a pesca foi abundante! Entrou na rede toda a espécie de peixes, em abundância! E a rede não se rompeu!
4. Jesus vai reatar a amizade com os discípulos, à volta da mesa, como na última ceia: aproximou-se, tomou o pão e deu-lho! À volta da mesa, Jesus refaz a amizade, traz de volta a alegria, manifesta todo o seu amor por nós!
5. A partir daí, os discípulos são, de novo, chamados e enviados! A construir a Igreja, a lançar as redes da missão, do anúncio, do testemunho. E ouvíamos, na primeira leitura, como Pedro e os outros Apóstolos sofriam com alegria, por dar testemunho de Jesus!

**Voltar à amizade com Jesus**

1. Muitas vezes, também somos assim. Andámos com Jesus, algum tempo, três, seis, 10 anos… por exemplo, na catequese, acompanhamo-lo até à última ceia, até à Festa da Eucaristia ou até à profissão de fé... Mas depois cansamo-nos d’Ele. Desistimos de Jesus, fugimos do seu grupo (a Igreja). Abandonamo-l’O!
2. Jesus desafia-nos, a não desistir. A não voltar atrás, como se não O tivéssemos conhecido. É preciso voltar à amizade, voltar sempre à refeição, em que ele toma o Pão e no-lo dá.

**Testemunho e missão**

1. Jesus conta com a amizade de cada um! Essa amizade cresce à volta da mesa. Mas a partir desta mesa, deve abrir-se e anunciar-se aos outros, a todos os outros, aos que querem desistir dele…
2. É preciso voltar à Igreja, voltar ao grupo, para daí «lançar as redes», a começar pelos amigos, pelos pais, por aqueles que fazem parte da nossa família, mas estão fora desta «rede», que é a Igreja.
3. Mas isso, só pode acontecer verdadeiramente se cada um, fascinado por Jesus, encantado por Ele, chegar a professar a fé e a dizer: «É o Senhor»…

**Homilia no III Domingo de Páscoa C 2010**

**1.** Nem à terceira é de vez! Pedro e outros apóstolos, voltam ao tempo «antes de Cristo», e retomam a pesca, a actividade de antigamente! Como se três anos de caminho e de amizade com Cristo, fossem por água abaixo, numa desilusão dolorosa, e sem remédio! Apesar das aparições do Ressuscitado, uma e outra vez, não é, de facto, à primeira que estes amigos de Jesus vencem o medo e se convencem da presença viva do Senhor! Mas Jesus volta, para reanimar a confiança dos discípulos, para os confirmar na fé, para os fazer voltar ao primeiro amor! No sinal da abundância de peixes, perceberam mais uma vez, que, sem Jesus, nada podiam fazer. Mas com Ele, é sempre possível recomeçar! Aprendamos também nós hoje, esta lição do amor divino, que cura as nossas feridas, refaz o tecido dos nossos afectos e nos reconcilia com a nossa própria miséria! Mas, para isso, fixemo-nos, no diálogo entre Jesus e Pedro, no final de mais uma refeição (cf.Jo.21.15-23)!

**2.** Nesse diálogo, o evangelista revela um jogo de palavras muito significativo, à volta do verbo amar. Atentos ao texto e ao rigor das palavras, reparamos que Jesus pergunta a Pedro, pela primeira vez: "*Simão... tu amas-Me, com um amor total e incondicionado*”? Antes da experiência da traição o Apóstolo teria certamente respondido: "*Amo-Te incondicionalmente*". Agora, que conheceu a amarga tristeza da infidelidade, o drama da própria debilidade, diz apenas: "*Senhor... tu sabes que sou deveras teu amigo*, isto é, "*amo-te com o meu pobre amor humano*"! Cristo insiste: "*Simão, tu amas-Me, com este amor total, que Eu quero de ti?*" E Pedro repete a resposta, do seu humilde amor humano: "*Senhor, tu sabes que eu sou deveras teu amigo*". Pela terceira vez Jesus pergunta a Simão: *"tu amas-me, com esse amor de amigo*?" Simão compreende que, para Jesus, é suficiente o seu pobre amor humano, o único de que é capaz, e contudo sente-se entristecido, porque o Senhor teve que lhe falar daquele modo. Por isso, responde: "*Senhor, Tu sabes tudo; Tu bem sabes que eu sou deveras teu amigo!"*

**3.** É caso para dizer que Jesus se adaptou a Pedro, e não Pedro a Jesus! É precisamente esta adaptação, esta condescendência divina de Jesus que *dá esperança* a Pedro, que então conhecera o sofrimento da infidelidade. Surge daqui a confiança, que o torna capaz do seguimento até ao fim! De facto, irmãos caríssimos, o amor de Cristo por Pedro não teve limites. Jesus não disse: «*Pedro tens de mudar e converteres-te noutro homem, para que eu possa voltar a amar-te”*. Não. Bem pelo contrário, disse-lhe: «*Tu és Pedro e eu amo-Te; será o meu amor por Ti a fazer de ti um homem novo*».

**4.** A partir daquele dia, Pedro "*seguiu*" o Mestre, com a clara consciência da sua fragilidade; mas esta consciência não o desencorajou! De facto, ele sabia que podia contar com a presença do Ressuscitado. Pedro *alcançou assiom a confiança* naquele Jesus, que se adaptou à sua pobre capacidade de amor. Para Pedro foi um longo caminho que fez dele uma testemunha de confiança, e "*pedra*" da Igreja. Ouvíamo-lo já na primeira leitura: com que ousadia e desassombro anunciava a ressurreição!

**5.** Neste Domingo, e à luz destas reflexões, sugeria duas aplicações muito concretas:

**Primeira:** Estamos no início da Semana das Vocações! Recordamos então “*a amizade com Cristo, como elemento fundamental e comprovado de toda a vocação ao sacerdócio e à vida consagrada*” (Bento XVI, Mensagem para o 47º Dia Mundial de Oração pelas Vocações). Jesus não escolhe, para O seguir e servir, pessoas impecáveis ou infalíveis! Escolhe gente como tu, escolhe gente como nós! Enquanto o amor humano anda a reboque das perfeições que o amado tem, o amor de Cristo, pelo contrário, (re) concilia-se com todas as nossas imperfeições e fraquezas! Sabemos que Jesus se adapta a esta nossa debilidade. Nós seguimo-lO, com a nossa capacidade de amor e sabemos que Jesus é bom e nos aceita, como somos!

**Segunda:** Estamos a poucos dias da Visita do Papa a Portugal. O Papa é o sucessor de Pedro e excerce na Igreja o primado do amor! “*Há quem venha ter comigo para dizer que ainda não se habituou a este Papa; que o Papa da sua vida era João Paulo II e que, deste, não gosta. Quando tento perceber porquê, os argumentos são dos mais variados: porque este é alemão, porque o outro era mais simpático... Tinha olhos azuis e este não é tão bonito. Enfim, invocam-se, gostos pessoais e simpatias, como se isso bastasse para avaliar um pontificado. Muitos católicos permanecem entrincheirados no seu sentimentalismo e nem sequer fazem um esforço para conhecer o actual Papa, para se interessar pelo que ele diz ou escreve. Em última análise, trata-se de uma fuga à realidade, que não serve para nada, nem ajuda a viver os desafios do tempo presente. Há já cinco anos que Bento XVI é Papa e está prestes agora a dedicar quatro dias do seu pontificado a Portugal. Será que o merecemos*” (Aura Miguel, Rádio Renascença, página 1)?

Sim. O Papa vem até nós, numa fase delicada, e particularmente difícil, do seu ministério pastoral, com muitas feridas abertas, no Corpo da Igreja! Vem como Pedro, "*testemunha dos padecimentos de Cristo"* *(1 Pd* 5, 1) e da sua Ressurreição. Vamos ao seu encontro, de braços abertos, acolhendo a sua grande sabedoria, num Ano de Missão. Digamos-lhe, de coração aberto: Querido Papa Bento XVI, não te canses! Não desanimes! Estamos conTigo e Contigo caminhamos na Esperança!

**Homilia no III Domingo da Páscoa C 2007 | Uma Catequese pascal**

**I.** Perguntaram-me, há dias, se vi o documentário da SIC, sobre o túmulo de Jesus e companhia?! E que tinha eu a dizer, à pobre gente da minha freguesia, que fica muda e de boca aberta, perante tais insinuações?! Confesso que não vi o programa, mesmo sendo prevenido das suas *bombásticas revelações*. Percebo bem, como esta, e outras novas descobertas, com velhos evangelhos à mistura, pretendem minar os fundamentos da nossa fé e pôr em causa a credibilidade da Igreja. Se me pedem um comentário, eu iria reclamar um pouco mais do vosso tempo de antena, para apresentar aqui, em jeito de ***catequese pascal***, algumas razões da nossa fé e da nossa esperança em **Cristo Ressuscitado**.

**II.** Consideremos, ainda que demoradamente, dois tipos de relatos, que os Evangelhos nos oferecem, para anunciar a Boa Nova da Ressurreição de Jesus: ***o sepulcro vazio e as aparições***. Voltemos, então, aos evangelhos da noite e do dia de Páscoa, para lembrar algumas coisas simples.

**O sepulcro vazio**

**1.º.** Os Evangelhos dizem que **o sepulcro está vazio**. E esse facto (o sepulcro vazio) constitui, no imediato, não uma boa surpresa, mas um choque, que provoca pavor e temor: a primeira reação de Madalena é patente na sua simplicidade objetiva: "*tiraram do túmulo o Senhor e não sabemos onde O puseram*" (Jo.20,2). Não é a fé na ressurreição a influenciá-la, pois nesse momento ela nem pensa na ressurreição. Verifica apenas que o corpo do Senhor não está lá. Também os Apóstolos se limitam à verificação dos factos: o corpo não está lá, as ligaduras estão no chão (Jo.20,7). E tampouco, àquela altura, eles esperavam a ressurreição.

**2.º** Alguns, querendo dar mais voz à razão do que à fé, argumentam: não se compreende bem, como é que o corpo de Jesus desaparece assim do túmulo, e para onde desaparece? A verdade é que não temos por que dispensar a fé na intervenção poderosa de Deus, neste nosso mundo. De resto, o sudário cuidadosamente dobrado denota ter-se verificado ali a intervenção de uma força poderosa e inteligente. O poder de Deus não acaba nos limites da matéria. Abrange a realidade toda do mundo e da pessoa. Penetra verdadeiramente, até ao interior do próprio corpo humano. E pode transformar o corpo mortal num corpo espiritual.

**3.º** Paira, ainda assim, no ar, a acusação feita aos discípulos, de terem escondido o corpo morto de Jesus (Mt.28,13). Esta infâmia é hoje, revisitada pelos modernos mestres da suspeita, que dizem ter encontrado os *restos mortais do corpo de Jesus*. Responderia perguntando, a este respeito: para que é os discípulos haviam de esconder o corpo morto de Jesus, se o sepulcro vazio não lhes servia, nem nunca lhes serviu de prova para a ressurreição? Pouco tempo depois, como podiam os discípulos anunciar a ressurreição, ali mesmo junto do sepulcro vazio e muito visitado, correndo o risco da descoberta do corpo de Jesus noutro lugar?

**4.º** Talvez uma solução sossegasse o nosso espírito: a Ressurreição podia ter deixado esquecido, naquele túmulo ou noutro, o cadáver de Jesus! De facto, para a forma de pensar de qualquer europeu, não é impossível imaginar que Jesus ressuscitasse realmente, mesmo se o cadáver tivesse permanecido no túmulo. Nós não temos nenhuma dúvida da ressurreição, mesmo vendo os nossos ossos transformarem-se em pó. No entanto, este raciocínio ou esta ideia seria completamente impossível de conceber para um judeu. Para os contemporâneos ou conterrâneos de Jesus, a pessoa humana identifica-se com o seu corpo e não com alguma coisa paralela a ele. Por isso, é impensável, na mentalidade judaica, a ressurreição à vista de um corpo morto; a mensagem do sepulcro vazio é aclarada: «*Porque procurais entre os mortos, o Vivente»* (Lc.24,5)? A vida nova da ressurreição não anula nem ignora o corpo; antes o assume e transforma.

**5.º** Voltemos, finalmente, ao facto narrado pelos evangelhos: o túmulo está vazio! Não é a prova da Ressurreição, mas era, de algum modo, um troféu que selava o testemunho de todos aqueles e aquelas, a quem foi dada, de viva-voz, a notícia da Ressurreição. «*Não está aqui. Ressuscitou*» (Lc.24,6). São João confessa que a verificação do túmulo vazio e a revelação feita às mulheres, o levou a acreditar na ressurreição de Jesus: "*Viu e acreditou*" (Jo.20,8).

**Aparições do Ressuscitado**

Mas então como chegámos nós ao acontecimento e à notícia da Ressurreição de Jesus? Os Evangelhos são claros. O Ressuscitado manifesta-se, inicialmente, não a todo o povo, «*mas às testemunhas de antemão designadas por Deus, àqueles que comeram e beberam com Ele, depois de ter ressuscitado dos mortos*» (Act.20,41). Ele que passara para o outro mundo, foi suficientemente poderoso, para lhes mostrar, de forma palpável, que Era ele mesmo, e não um fantasma, que se encontrava na frente deles. Atendamos, especialmente, à terceira aparição, relatada no evangelho deste Domingo (Jo.21,1-14):

**1.º.** Como nas outras aparições do Ressuscitado, é Jesus que toma a iniciativa e Se deixa ver. A ressurreição irrompe como dom inesperado de Deus. Este acontecimento novo não brotou do coração dos discípulos ou do seu desejo ou de uma ilusão da saudade, mas chegou-lhes do alto; é Jesus que se revela; é a força da sua Ressurreição que se apodera deles, apesar das suas dúvidas e os faz ter a certeza de que o Senhor ressuscitou verdadeiramente (Lc.24,34)!

**2.º.** Mais uma vez, pela terceira vez, os discípulos têm dificuldade em O reconhecer e nem à terceira é de vez: «*Jesus apresentou-se na margem, mas os discípulos não sabiam que era ele*» (Jo.21,4). É, de facto, o mesmo Cristo, que está vivo. Mas agora é outro, no seu ser, estar e aparecer no meio de nós. Jesus não é identificável, como no tempo da sua vida terrena. Jesus só é visto, quando é Ele que dá a visão e abre os olhos (Lc.24,31). Jesus só é reconhecível no âmbito da fé. Por isso os relatos das aparições oscilam entre o tocar (de Tomé: Jo.20,27) e o não tocar o seu corpo (como a Madalena: Jo.20,17), entre o aparecer de portas fechadas e o desaparecer depois de partir o pão (Lc.24,31) entre o ver e o não reconhecer. Numa palavra: Jesus Ressuscitado é o mesmo e é diferente. Os discípulos reconhecem-nO, por meio da certeza interior da fé, que acolhe a revelação de Deus. E não por uma evidência sensível.

**3.º.** Mais uma vez, temos a sensação, de que as aparições se destinam a ajudar os discípulos a superar o desânimo, a confirmá-los na fé e a enviá-los em missão. Cada aparição, é uma nova chamada ao seguimento!

**Testemunhas da Ressurreição**

**III.** Também para nós, hoje, é isso que importa: estamos aqui, como fruto da sua Páscoa. Somos testemunhas da sua Ressurreição. E somos enviados ao mundo, que pode conhecer melhor a Cristo, se em nós se manifestar *a força, a beleza e a vida nova da sua Ressurreição*. Pese embora as dúvidas da nossa fé, as crises da nossa esperança, o Senhor desafia-nos a lançar, de novo, as redes do Seu amor!

Homilia no III Domingo de Páscoa C 2004

**1.** «*É o Senhor*» (Jo.21,7), proclama com alegria e surpresa, o discípulo que Jesus amava. Mas o encontro do Ressuscitado, que se revelara, ali nas margens do lago, como fonte de esperança e de abundância, será depois confirmado e celebrado, à volta de uma mesa. «*Disse-lhes Jesus: “Vinde almoçar”. E nenhum dos discípulos se atrevia a perguntar-lhe: “Quem és Tu?”, porque bem sabiam que era o Senhor.**Jesus aproximou-se, tomou o pão e deu-lho, fazendo o mesmo com o peixe*» (Jo.21,12-13). Graças a este encontro, celebrado à volta da mesa, *e pela terceira vez* no primeiro dia da semana, os discípulos congregam-se de novo, fortalecem a sua fé, e animam-se para o testemunho audaz, livre e corajoso, diante dos homens, fazendo frente à oposição dos que os querem impedir de anunciar e pregar a Ressurreição do Senhor (cf. Act.5,27 ss).

**2.** Caríssimos irmãos: Desde a Páscoa de Jesus, que a Igreja se apresenta ao mundo, não apenas como uma comunidade que prega, cura e salva “em nome de Jesus”, mas também como “**uma comunidade que reza e celebra o evangelho da esperança**”(Ecc. Eur.66). Ao reunir-se dominicalmente para rezar e celebrar, a Igreja dá, de facto e de direito, lugar primeiro e o primeiro lugar a Jesus, seu Senhor. Em tempos de crise, de forte perseguição, em estado de minoria, a Igreja encontra na celebração dominical da Eucaristia uma fonte de resistência e de esperança, “*o antídoto mais natural contra o isolamento. Precisamente através da participação eucarística, o dia do Senhor torna-se também o dia da Igreja”* (N.M.I.36). Testemunha-o claramente São João, no livro do Apocalipse: precisamente «*no dia do Senhor*» (Ap.1,10), ele contempla a Igreja de Cristo em louvor e adoração, em oração e celebração. Não para fugir do mundo, mas para resistir a ele e ter a força de o transformar. É uma Igreja que canta e não se desencanta perante as ameaças dos poderes deste mundo. Uma Igreja que proclama Cristo, de viva e numa só voz, como único Senhor e Salvador. Só diante dEle se verga e ajoelha, para o louvar e bendizer: *«Ao que está sentado sobre o trono e ao Cordeiro sejam dadas acções de graças, honra, glória e poder para todo o sempre*» (*Ap.* 5, 13). “*A Igreja, que acolhe esta revelação, é uma comunidade que reza.*” (Ecc. Europ.66).

**3.** Neste sentido, - caríssimos irmãos - a celebração da fé é, em si mesma, uma manifestação da gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Liberdade face à tirania das coisas; liberdade face às antigas e novas idolatrias, aos novos e velhos deuses, que facilmente nos prendem e enredam, como se tivéssemos de sacrificar tudo, o nosso tempo e a nossa vida, à sua posse, uso e consumo. Liberdade face aos senhores deste mundo, que gostariam de mandar e comandar a nossa vontade, iludindo os nossos desejos mais profundos e sacrificando a nossa liberdade de escolha. Só uma Igreja que celebra é capaz de ser para o mundo um sinal visível, que se faz ver, sentir e ouvir, ainda que a maior parte das vezes, colocada à margem e em contracorrente.

**4.** Daqui podemos inferir, que a celebração do Domingo se torna penhor da nossa esperança, sinal e garantia da nossa liberdade. É o dia do Senhor e o senhor dos dias! Não raro, “*reduzido a mais um dia do «fim-de-semana», a mero tempo de evasão*” (Eccl. Eur.81). “*Que o Domingo seja santificado com a participação na Eucaristia e com um repouso rico de alegria cristã e de fraternidade. Seja celebrado como centro de todo o culto, incessante prenúncio da vida sem fim, que reaviva a esperança e anima a caminhar. Por isso, não haja medo de defender o Domingo, contra qualquer ataque e esforçar-se por que seja salvaguardado na organização do trabalho, para que possa ser um dia para o homem a bem da sociedade inteira*” (Ecc. Europ.82).Quando vemos, na nossa Cidade, um hiper-mercado, aberto no Domingo de Páscoa, para encerrar no «*Dia do Trabalhador*» temos o dever de nos perguntar pelo grau da nossa liberdade, diante de Cristo, frente aos tiranos do cifrão e face à semelhante alienação do consumo.

É preciso ao Domingo dar espaço à oração, ao repouso, à união e à alegria, para não corrermos o risco de ficarmos encerrados e enterrados num horizonte tão estreito e limitado, que nos impeça de esperar, de ver e de saborear na terra algo do “céu” (cf. Dies Dom.4). Sem a dimensão da festa, a esperança não encontraria uma casa onde habitar.

5. Tenhamos consciência de que o facto de estarmos aqui unidos e reunidos a celebrar o Domingo, é já um sinal claro da nossa identidade cristã e marca a nossa diferença, perante a indiferença. E por isso nós não podemos passar sem o Domingo.

E, neste Domingo, dos 30 anos do 25 de Abril, pelo qual haverá certamente motivo bastante para festejar e dar graças, esta celebração do Povo de Deus que aqui se une e reúne, torna-se anúncio da Verdade que liberta (cf. Jo. 8, 32), Jesus Cristo. É Ele, o Senhor! É Ele quem mais ordena! Aqui e lá fora. N’Ele, por Ele e com Ele, o Povo de Deus unido e reunido jamais será vencido!

**Homilia no III Domingo de Páscoa C 2001**

**1.** Não há duas sem três. E é pela terceira vez que Jesus se manifesta aos discípulos. Desta feita, ao ar livre e bem longe de Jerusalém. De novo, como nos bons velhos tempos, junto ao mar da Galileia. Ali estão Pedro e meia dúzia de discípulos, a tentar afogar as mágoas do passado, nas águas do Tiberíades. Ocupam-se na pesca, como quem «mata o tempo». Simão lidera ainda um grupo disperso, que até lhe obedece, habituado aos tempos em que ele era o Pedro, o Chefe, a sua Cabeça (Jo.1,42). Convida-os repentinamente à pesca e eles, voluntariosos, lá vão. Mas é uma desgraça, aquela noite no mar. E quanto mais procuram deitar para trás das costas o seu passado recente e tão dolorosamente presente... mais ele faz sentir o seu peso sobre os ombros. É o que acontece a quem se mete, onde já não é chamado. E eles que foram, nas margens daquele lago, chamados a ser pescadores de Homens (Lc.5,10), perderam mesmo o jeito da velha arte. Já não bastava a Pedro o trauma da negação, aos discípulos a vergonha da traição, e por fim a ferida daquela morte violenta, que a todos doía, para, ainda por cima nem a pesca dar agora para nada...

**2.** No fundo daquele vazio... e daquela frustração, Jesus vem, de novo. Não para consertar as redes, que acabam por nem se romper, mas para refazer os laços da amizade. Jesus vem, não para regressar ao passado, mas para voltar ao primeiro amor. Desafia-os a deitar as redes para outro lado... a ver o outro lado da vida, a descobrir novas possibilidades. E o resultado, de tão abundante e inesperado, faz recobrar os olhos da fé: «É o Senhor» (Jo.21,7). Exclama o discípulo que Jesus amava! Pedro estava nu dos pés à cabeça... um homem exposto, sem mais hipóteses de esconder nada. Atirou-se à água, como quem não se sente bem na sua pele, ao perceber a sujeira da sua indignidade. E Jesus volta a pôr a mesa, de pão e de peixe. Não faz discursos de defesa nem de acusação. Num gesto de hospitalidade, ali à volta da Mesa, o Ressuscitado refaz o tecido da amizade, cura as feridas da saudade, salva-os do abismo e do desnorte em que lentamente se iam afogando.

**3.** Mas o melhor estava para vir. E é Pedro, que é chamado à pedra, com o primeiro nome de Simão. Já não é um problema de fé, como o de Tomé, mas uma questão de amor, de um amor que ultrapasse o prazer da simpatia e seja capaz de entrega e doação. Jesus pergunta-lhe três vezes sobre o amor divino, profundo, oblativo. E Pedro limita-se, na primeira e segunda vez, a responder na base de uma afeição e de uma amizade. A terceira pergunta é decisiva. E Pedro, percebendo a imperfeição do seu amor, entristece-se. E é então que Jesus o confirma, mais uma vez, na missão: «apascenta as minhas ovelhas» e por fim «*segue-me*».

**4.** Irmãos e irmãs. Ao escutarmos este evangelho ficamos enredados numa teia de pensamentos e reflexões. Também nós, precisaremos uma e outra vez de sentir o apelo, de receber um voto de confiança, de renovar as nossas promessas, de voltar ao primeiro amor. Mas aprendamos hoje e sobretudo esta lição do amor divino, que cura as nossas feridas, refaz o tecido dos nossos afectos e nos reconcilia com a nossa própria miséria.

*(a omitir eventualmente)*

“ O amor de Cristo por Pedro não teve limites; no amor a Pedro, Jesus mostrou como se ama cada Homem que está diante de nós. Jesus não disse: «Pedro tem de mudar e converter-se noutro homem, para que eu possa voltar a amá-lo». Não. Bem pelo contrário. Disse: «Pedro é Pedro e eu amo-o; será o meu amor por ele a ajudá-lo a ser outro homem». Por conseguinte, Jesus não rompeu a amizade, para a retomar eventualmente quando Pedro se convertesse noutro homem; não. Conservou intacta a sua amizade. E foi isso precisamente isso que ajudou Pedro a converter-se noutro Homem. Pensarás tu que sem essa fiel amizade de Cristo, Pedro se teria recuperado? A quem cabe ajudar aquele que se engana, senão aquele que se considera seu amigo, ainda que a ofensa vá dirigida contra si? O amor de Cristo é ilimitado, como deve ser o nosso, na medida em que somos chamados a cumprir o preceito do amor, amando quem quer que esteja diante de nós! O amor puramente humano está sempre disposto a regular a sua conduta, segundo as perfeições que o amado tenha ou não; o amor cristão, pelo contrário, (re) concilia-se com todas as imperfeições e debilidades do amado e permanece com ele em todas as suas mudanças, amando aquele que tem diante de si. Se não fosse assim, Cristo não teria amado nunca, pois, onde encontraria ele o homem perfeito” (S.Kierkegaard).

**5.** Neste início da Semana das Vocações, vale a pena recordar que, desde o primeiro instante, a nossa Vida é apelo e resposta, é vocação. Vocação ao amor, de tal modo que a nossa vida assuma o valor de "dom recebido, que tende, por sua natureza, a tornar-se um bem doado”. «*Pode-se afirmar que, em certo sentido, o amor é o D.N.A. dos filhos de Deus*» (João Paulo II). Deixemos que este apelo do amor se repita e renove... lá no lugar do nosso trabalho... lá nas alturas dos nossos sonhos ou lá nas profundezas da nossa frustração. O Senhor sempre nos chama. Mesmo sabendo o que bem sabe de nós. E Ele sabe tudo! E até parece que não sabe nada!...

**Homilia no III Domingo de Páscoa C – Festa da Vida**

Depois da aventura, a morte de Jesus põe fim ao sonho. Há que voltar ao lago de Tiberíades, à barca, à pesca. Há que reinventar a vida. Há que retomar projectos antigos e caminhos já percorridos. Há que re-utilizar as redes e pescar. Mas é noite, abunda o cansaço e faltam os peixes. É então que, como outrora, naquele mesmo lugar, Jesus re-aparece e de novo os reúne e desafia a lançar as redes para o outro lado. E eles, re-animados agora pela palavra, e ainda não totalmente rendidos à sua incapacidade, lançam as redes. E eis que o milagre da abundância os faz (des)confiar: É o Senhor, é o Ressuscitado. E Pedro, tantas vezes tardo em compreender mas impulsivo como sempre, lançou-se ao mar para afogar a vergonha da negação e para se reconciliar com o Senhor.

Depois, para que não restassem dúvidas, para que não precisassem de perguntar "quem és tu?", tomou o pão e deu-lho. É o Senhor, reconhecido pela fé, que parte e reparte o pão. É na Eucaristia, [na solidariedade entre o dom de Deus e o trabalho do homem,] que Pedro supera o exame de amor, como primeira condição para apascentar a comunidade... e assim se torna testemunha da Ressurreição.

«*Nós somos testemunhas destes factos, nós e o Espírito Santo que Deus tem concedido àqueles que lhe obedecem*», confessam os apóstolos. Por conseguinte, é o Espírito, força do Pai e do Filho, que nos empurra a ser testemunhas da presença e da acção salvadora de Jesus e que dá credibilidade e eficácia ao testemunho da Igreja.

É "debaixo da 'nuvem luminosa' do Espírito Santo, que age permanentemente na Igreja" que iniciamos hoje a Semana de Oração pelas Vocações. É o mesmo Espírito que re-animou Pedro e os discípulos para a missão de pescadores de homens que re-envia a Igreja para testemunhar a presença de Jesus Cristo e da sua Boa Nova.

É a consciência deste reenvio e do lugar que cada homem e mulher tem no coração de Deus e na história da humanidade que "constitui o ponto de partida para uma nova cultura vocacional". Devemos saber que a nossa Vida tem um sentido, traz um apelo, está voltada para um fim. É no quadro desta Vida, que nos foi dada, que havemos de descobrir a forma de tornar este Dom-para-nós, único e irrepetível, em Dom-para-os-outros, de um modo também Ele único e irrepetível.

O chamamento vocacional é sempre uma iniciativa livre e imprevisível de Deus, mas o diálogo vocacional dá-se na Igreja e por meio da Igreja; a vocação é a descoberta da "história do amor que Deus teceu com a humanidade". Nesse sentido havemos de viver a vocação como presença total e radical a Deus, na esperança e no amor... Só Ele é «digno de receber de nós o poder e a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória e o louvor»...

# Homilia no III Domingo de Páscoa C 1998

1.Depois[[1]](#footnote-1) da aventura, a morte de Jesus põe fim ao sonho. Há que voltar ao lago de Tiberíades, à barca, à pesca. Há que reinventar a vida. Voltar ao antigamente... Há que retomar projetos antigos e caminhos já percorridos. Há que reutilizar as redes e pescar. Mas é noite, abunda o cansaço e faltam os peixes. Rotas as redes, mãos vazias. É então que, como outrora, naquele mesmo lugar, Jesus reaparece e de novo os reúne e desafia a lançar as redes para o outro lado. E eles, reanimados agora pela palavra, e ainda não totalmente rendidos à sua incapacidade, lançam as redes. E eis que o milagre da abundância os faz (des)confiar: *É o Senhor,* é o Ressuscitado. E Pedro, tantas vezes tardo em compreender mas impulsivo como sempre, lançou-se ao mar para afogar a vergonha da negação e para se reconciliar com o Senhor. Depois, para que não restassem dúvidas, para que não precisassem de perguntar "*quem és tu*?", tomou o pão e deu-lho. «É o Senhor», reconhecido pela fé, que parte e reparte o pão.

2.Surpreende-me (nos), assim, o contraste entre os discípulos - que depressa caem no vazio, experimentam o fracasso, entram em crise – e Jesus, que não desiste, que vem e se manifesta, que pela terceira vez se faz presente. Desta feita para «consertar» as redes de uma teia desfeita, apanhando o fio à meada. E enquanto os discípulos negavam o futuro, perdendo a memória do seu passado, Jesus, em diálogo e em presença, vem «*reconstruir a memória[[2]](#footnote-2)*», religar as peças avulsas das suas vidas, ordenar os seus desejos. Estava ali para dar um Futuro à História do seu Passado. Este «reconstruir a memória», é particularmente tocante no diálogo com Pedro. Aí está três vezes a pergunta. Não para lembrar o passado, mas também para o não negar. Aí está três vezes a resposta, para encontrar no fundo da memória, um coração, que apesar de tudo, sabe amar.

3.Caríssimos: Jesus «aparece» onde há vazio, fracasso, demissão. Manifesta-se quando o homem, falido de si, deixa cair os seus próprios projetos individuais e aceita o desafio do Senhor a «lançar as redes para outro lado»... E vem. Vem, quando nenhum êxito pessoal justifica «o orgulho» dos discípulos. Há então no coração espaço livre para entrar, espaço livre por preencher. Jesus vem, porque um fracasso assim pode muito bem intensificar o desejo. E a perda, dar lugar à busca. E então Ele vem. Pois está pronto o palco do encontro entre o apelo de Deus e a nossa resposta. Por cada passo que damos até Ele, já Ele percorreu léguas para chegar até nós.

4. É na Eucaristia, [na solidariedade entre o dom de Deus e o trabalho do homem,] que este encontro se dá. A sua Palavra traz-nos o desafio a «reconstruir a memória» do passado, com a promessa do Futuro. A sua presença de amor ocupa a inteireza deste espaço livre, onde ninguém, senão Ele e mais do que Ele, é digno de entrar!

Homilia no III Domingo de Páscoa C 1995

A aventura vivida com Jesus parecia ter chegado ao fim. Rei morto. Rei posto. E voltavam os discípulos aos tempos antigos. Toca a pescar. Há que desenhar novos projetos, procurar outros caminhos...dar um passo atrás. E deu no que deu. Nada. Nada mesmo.

No fundo desta desilusão aparece Jesus e põe-se do lado destes sete discípulos, dispersos e perdidos. **Desafia-os a lançar as redes para o outro lado.** E mesmo sem O terem ainda reconhecido, eles confiam e arriscam... E foi o que foi. Pesca milagrosa. Tão abundante que deu para (des) confiar... Era o Senhor. Uma presença. Não uma evidência. Uma pessoa viva mas que se comunica e se oferece aqueles que o procuram. Uma presença misteriosa que só a fé pode captar. Era o Senhor. Era o Senhor das suas vidas. Era Aquele que julgavam ter perdido para sempre. Era Jesus, o Ressuscitado. O discípulo amado com toda a sua intuição capta o mistério de uma presença e redescobre o segredo da sua Vida: Cristo, o seu Senhor!

E Pedro atira-se ao mar, mergulhado na sua vergonha, afogado nos seus medos. Aquele que tanto amara e a quem negara estava ali... Mas Jesus, percebendo o estado de Pedro, presta-lhe um cuidado muito especial.Chama-opara lhe recobrar a confiança e a dignidade... Para lhe fazer perceber que lhe quer bem, que Pedro serve ainda para muita coisa. E submete então o Chefe a um rigoroso exame. Jesus vai ao encontro de Pedro, no que ele tinha de melhor. A sua capacidade de amar. Num verdadeiro exame, Jesus interroga-o sobre o amor. Se é capaz de amar. Mais, se é capaz de amar Jesus e os seus, se é capaz de amar e se entregar, sem reservas. E Pedro, mergulhado na sua verdade, revela o melhor de si mesmo: a sua capacidade de amar, apesar dos defeitos e do feitio*... «Senhor, tu sabes tudo. Bem sabes que te amo*»! E, aprovado no exame do amor, Jesus renova o apelo: «*Segue-me*»!

Estamos a iniciar hoje a **Semana das Vocações.** É Jesus que vem ao encontro do nosso desejo e até do nosso desencanto para nos convidar a lançar a rede para o outro lado, a mirar novos futuros, a amar em novas direções. Vocação é assumir uma responsabilidade afetuosa e amorosa pelos outros. Não se trata simplesmente de um compromisso de carácter organizativo. Quando não se envolve o coração e o amor não se trata de Vocação. Por isso, Vocação é apelo e resposta à pergunta: «*Tu amas-Me*»! Só nesta vocação ao amor, o homem pode realizar-se e seguir Jesus.

Deixo aos jovens o apelo a que não desistam de procurar novos caminhos, que não embarquem *em lugares comuns*, que obedeçam mais ao apelo de Deus que às vozes do mundo. Porque só Cristo, o Senhor, é digno de uma entrega que comprometa a vida toda e envolva o coração inteiro. Só Ele, o Cordeiro, que deu a Vida por nós, pode merecer a entrega da nossa Vida por Ele.

*A Ele, louvor, glória e poder, pelos séculos dos séculos. Ámen.*

1. Segue-se neste número a sugestão do Secretariado das Vocações [↑](#footnote-ref-1)
2. Tema do I Congresso Histórico de Amarante, (22-25 Abril) [↑](#footnote-ref-2)